



**UMA ABORDAGEM TEXTUAL-DISCURSIVA DO GÊNERO RESENHA
A TEXTUAL-DISCURSIVE APPROACH TO THE GENUS SUMMARY**

Ivan Vale de Sousa¹

Resumo: Ensinar os gêneros textuais nas práticas escolares se tornou frequente nos propósitos de aprendizagem da língua. Os objetivos deste trabalho são: conceituar os gêneros textuais e funções nas práticas escolares; focalizar o estudo textual-discursivo do gênero resenha e sua relação com o suporte; destacar a produção de resenhas com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública, de Parauapebas, sudeste do Pará e, por fim, analisar os argumentos utilizados na produção pelos sujeitos na descrição, avaliação das obras-base: livro didático e filme. Os resultados se confirmam mediante intervenção metodológica e dialógica entre os produtores e o contexto de abordagem do gênero.

Palavras-chave: Gêneros textuais. Língua. Resenha. Suporte.

Abstract: Teaching textual genres in school practices has become commonplace for language learning purposes. The objectives of this work are: to conceptualize textual genres and functions in school practices; To focus on the textual-discursive study of the genre review and its relation with the support; To highlight the production of reviews with students from the 9th grade of Elementary School, from a public school in Parauapebas city, southeast of Pará state, and finally to analyze the arguments used in the production by the subjects in the description, evaluation of the basic works: textbook and movie. The results are confirmed through methodological and dialogical intervention between the producers and the context of approach of the genre.

Keywords: Textual genres. Language. Review. Support.

1. Introdução

A compreensão de ensino da linguagem no contexto de sala de aula se destaca com a abordagem dos gêneros textuais e articula os conhecimentos na ampliação do repertório linguístico-cultural dos sujeitos inseridos nas propostas de aprendizagem. Nesse sentido, o professor como estudioso da língua tem a missão de possibilitar que os indivíduos se desenvolvam linguisticamente e culturalmente na comunicação dos diversos contextos sociais.

O trabalho metodológico com os gêneros textuais leva em consideração os propósitos comunicativos na utilização do texto em sala de aula, destacando os aspectos linguísticos, semânticos, morfológicos e lexicais no aprendizado de Língua Materna, além disso, é necessário o conhecimento das características no processo de intertextualidade e na relação dos

¹ Mestre em Letras pelo Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: ivsousa23@hotmail.com.

gêneros com os suportes, como também na escolarização de textos utilizados além do contexto escolar.

Neste trabalho, as reflexões estão organizadas em três tópicos discursivos. No primeiro, os gêneros textuais são abordados mediante apresentação de conceito e funcionalidade. No segundo, o gênero resenha é focado na relevância do âmbito da Educação Básica, já no terceiro, são destacadas e transcritas duas resenhas produzidas em sala de aula por estudantes de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, de uma instituição pública de Parauapebas, sudeste do Pará, seguidas de análise e ponderações-síntese do trabalho com o gênero resenha.

2. Gêneros textuais/discursivos na escola: contextos, sentidos e suportes

A comunicação humana se realiza de diferentes formas e em contextos variados, porém, é na escola que se tem um trabalho de sistematização do conhecimento, já que é cada vez mais comum a utilização dos gêneros textuais/discursivos nas práticas educacionais e, por meio deles, os propósitos comunicativos se realizam no uso da língua, destacando a funcionalidade dos gêneros construídos socialmente. A importância de trabalhar com os gêneros ganhou notoriedade mediante a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais no Brasil, os quais orientam a utilização das intervenções pedagógicas com o texto em sala de aula, entretanto, isso tem causando desconforto e confusão na forma que o texto se insere nas práticas escolares. Além disso, alguns profissionais até entendem que o ensino dos aspectos linguístico-gramaticais não é necessário, e que utilizar o texto como pretexto para o ensino de Língua Materna não representa acesso aos propósitos.

Entre as ações de ensinar e aprender há um ponto que interliga os ideais, denominado, reflexão. Refletir o ensino de língua na utilização dos gêneros textuais implica criar estratégias de leitura e de produção textual, correlacionando o trabalho com o texto aos elementos inerentes ao aprendizado de língua. Diante dos impasses no ensino de língua portuguesa a partir dos gêneros são aceitáveis os seguintes questionamentos: o que, de fato, são os gêneros textuais? Como utilizá-los na cotidianidade das práticas escolares?

Tendo como base as indagações levantadas, compreende-se relevantes que os gêneros se realizam socialmente, por isso, a escola tem a função de ensiná-los aos estudantes não como modelos fechados em si mesmos, mas como propósitos e formas que se adaptam às

necessidades dos usuários e de seus interlocutores. Assim, o entendimento acerca dos gêneros textuais se apresenta, essencialmente, mediante as finalidades e aos contextos, mantendo relação com o veículo que os divulga.

Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. (MARCUSCHI, 2010, p. 19)

Compreender que os gêneros textuais se realizam na dinamicidade da língua é considerar suas características, formas e sentidos, bem como são destacados na ampliação do repertório linguístico-cultural dos sujeitos inseridos nas estratégias metodológicas de ensino-aprendizagem. Trazer a discussão dos gêneros para a sala de aula implica no processo investigativo de como se realizam socialmente, ou, ainda, quais são os mais elucidados na sistematização das práticas de linguagem.

Há um número incontável de gêneros textuais, já que se adaptam às necessidades sociocomunicativas dos falantes. É a forma de interação dos sujeitos que possibilita a criação de novas modalidades de gêneros, exemplo disso, é a utilização da tecnologia nas propostas de aprendizagem, que tem transformado a maneira como as pessoas se comunicam e se inter-relacionam. A escola, nesse sentido, precisa permitir que os estudantes não somente conheçam os gêneros, mas, aprendam a produzir e adaptá-los aos contextos comunicativos. A inserção dos gêneros textuais nas práticas de ensino realizadas nas instituições não pode ser entendida apenas pela utilização do texto no ensino de língua, isso não constitui uma aprendizagem contextualizada e, sim, cercar os sujeitos com textos que, muitas vezes, não mantêm uma relação dialógica com os demais.

O ensino-aprendizagem contextualizado implica nas possibilidades acessíveis dos sujeitos, na compreensão da forma e dos sentidos que cada texto traz implícito na sua produção; do ensino capaz de diversificar, por meio das características e sentidos, as finalidades tópicas dos motivos de trabalho com o texto, seu emprego na localização com outros gêneros e na relação com o suporte. Assim, a efetivação de práticas pedagógicas contextualizadas reafirma

a necessidade de trabalhar com os gêneros textuais em uma proposta conjunta com as necessidades comunicativas dos sujeitos inseridos nas estratégias de ensino, por isso, há a necessidade de demonstrar que a manifestação textual inerente ao gênero mantém um contexto que precisa ser considerado na produção de sentidos, porque os “conjuntos de gêneros são constelações de gêneros mais delimitadas que permitem que determinados grupos de indivíduos realizem determinadas ações em um sistema de gêneros” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 116) e correlacione as habilidades no ensino de língua integrado às ações de leitura, de escrita e de reflexão.

A sistematização dos gêneros textuais na escola, espaço de debates e reflexões, pauta-se na relação não só de sentidos do texto, mas da identidade relativa com o suporte e a linguagem, por exemplo, na elaboração de um memorando se difere linguisticamente da produção de um aviso para ser fixado no mural da escola. É preciso que se discuta, também, no ensino de gêneros à ótica da aprendizagem contextualizada que a linguagem se adapta aos contextos e aos suportes nos quais são destacados os argumentos produzidos. Assim sendo, contextualizar o ensino de língua é apresentar a função semântico-linguística na relação com o suporte de gênero que se constitui numa “superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174), exemplificando os tipos de suportes utilizados.

A questão relativa do gênero textual com o suporte não é um ponto discutido nas práticas de ensino na Educação Básica, por isso a necessidade de realizar um estudo textual-discursivo dos gêneros nas propostas de ensino da linguagem, apresentando os contextos, sentidos e suportes que os textos são divulgados. Dessa forma, os suportes de gêneros textuais no espaço escolar têm a função de divulgar e formalizar os conhecimentos produzidos em sala de aula, além de servir como vitrines das metodologias de aprendizagem à comunidade escolar. Nesse sentido, os mais utilizados pelos agentes pedagógicos são os murais didáticos, os quadros de aviso e os cartazes que demonstram, resumidamente, a relação entre ensino, pesquisa e exposição do conhecimento.

O ensino contextualizado no emprego dos gêneros textuais sinaliza a necessidade de correlacionar as semioses, signos verbais e não verbais, na relevância das estratégias de ensino, exigindo que o professor instrumentalize os estudantes na aquisição de novos saberes e na seleção do que é necessário ao aprendizado, já que os “gêneros não existem isoladamente, nem

tampouco os sistemas e conjuntos de gêneros” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 117), sendo, pois, um trabalho intertextual de sentidos da linguagem nos textos.

A intertextualidade inserida na abordagem de estudo e produção dos gêneros textuais no contexto de sistematização escolar articula a realização produtiva de recontextualização, apreender os dados de um gênero para outro, e mostrar os significados de ensino dos aspectos da língua inseridos na efetivação da linguagem, já que a “língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2011, p. 265).

Ensinar os gêneros textuais no cotidiano escolar é instrumentalizar os indivíduos na construção de argumentos metacognitivos adequados às situações nas quais se encontram e saibam usar com desenvoltura a língua nos seus aspectos linguísticos e estruturais, porque trabalhar os gêneros é oportunizar o desenvolvimento tanto da oralidade quanto da escrita. Assim, as reflexões seguintes se intensificam na abordagem do gênero textual resenha.

3. Estudo textual-discursivo do gênero resenha: definição e funcionalidade

Os gêneros textuais são muitos e se moldam conforme as necessidades comunicativas dos falantes e seus interlocutores. Nesse sentido, Bakhtin (2011) categoriza-os em primários (simples) e secundários (complexos); os simples contemplam, por exemplo, a produção de um bilhete, de um recado e, os complexos, por sua vez, requerem uma linguagem mais rebuscada, na elaboração de um artigo de opinião, de uma crônica ou de resenha. Assim, trabalhar na perspectiva dos gêneros textuais é manter uma “relação mútua dos gêneros primários e secundários e o processo de formação histórica dos últimos lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia)” (BAKHTIN, 2011, p. 264).

A resenha se insere no modelo secundário dos gêneros e se utiliza de argumentos, enquadrando-se na descrição, avaliação e argumentação, porque o sujeito produtor tem a missão de elucidar de forma ética e transparente as críticas na apreciação da obra, esclarecendo aos interlocutores a finalidade do texto-base, capaz de construir argumentos que levem o leitor a conhecer, sinteticamente, a obra resenhada, por isso que a realização metodológica na elaboração da resenha em sala de aula parte da compreensão linguística, social e cognitiva dos

gêneros como “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos” (MARCUSCHI, 2010, p. 26).

Efetivar a produção e análise de resenha na escola implica no ensino das normas técnicas e códigos que regem o gênero aos estudantes, atribuindo ao processo produtivo de resenhar, os propósitos da linguagem, creditando e apresentando de maneira ética a avaliação dos argumentos do texto-base, sendo favorável ou não com o diálogo inserido na obra, pois a produção de resenha é uma questão dialógica entre a fonte, o produtor e seus interlocutores, já apresenta conteúdo prévio da fonte resenhada e serve de consultas futuras sem que haja a necessidade primordial de folheá-la e analisar de maneira sintética os dados relevantes na condensação dos argumentos capazes de fornecer a descrição avaliativa da obra aos leitores. Além disso, pode ser informativa, crítica ou crítico-informativa, tendo como elementos as referências bibliográficas, as credenciais da autoria, a síntese da obra, as conclusões do autor e a apreciação crítica desenvolvida por verbos no tempo presente do modo indicativo e alocando-se no discurso indireto livre. Assim, a resenha se constitui na produção esmiuçada das “propriedades de um objeto ou de suas partes constitutivas; é um tipo de redação técnica que inclui variadas modalidades de textos: descrição, narração e dissertação” (MEDEIROS, 2003, p. 158).

A efetivação de resenhas não se realiza apenas na descrição de narrativas fílmicas e literárias, porém representa a possibilidade de divulgação, compreensão, descrição e avaliação de outras vertentes científico-artísticas. Pode-se, por exemplo, no contexto da sala de aula, resenhar uma exposição de artes, que esteja sendo realizada na escola ou na cidade, atribuindo-lhe a função comunicativo-propositiva no trabalho com o gênero, além disso, há a possibilidade, ainda, de resenhar um documentário, um CD ou DVD de músicas, um artigo científico, uma escola literária, mediante os objetivos destacados no planejamento. Entre outras funções, a produção do gênero pode ter início com função de sintetizar uma obra e, posteriormente, o professor retoma o trabalho e permite aos sujeitos atribuírem argumentos que designem a resenha como crítica, destacando, além disso, as informações principais evidenciadas no contexto produtivo e na “organização global, suas relações com outros textos, etc., e que, além disso, tragam comentários do resenhista não apenas sobre os conteúdos, mas também sobre todos esses outros aspectos” (MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2007, p. 14).

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

Destacar o contexto de produção do gênero resenha requer, também, demonstrar aos sujeitos os suportes específicos nos quais é veiculado, como, revistas (periódicos) e jornais destinados ao público leitor seletivo, porém, é cada vez mais comum a divulgação de resenhas em *sites* e *blogs* de instituições. Assim sendo, os argumentos mantêm polidez na linguagem empregada, pois ao elaborar opiniões acerca de uma obra é preciso se faça de maneira ética na criticidade argumentativa, sinalizando o conhecimento do resenhista na capacidade de elogiar e reconhecer os esforços empreendidos na indicação, na descrição, na avaliação transparente e na exatidão ampliada do discurso e na “interação entre os sujeitos e que objetiva influenciar de maneira contundente o interlocutor, tendo como base reflexiva, a defesa de posicionamentos acerca da polemicidade atribuída à temática colocada em pauta” (SOUSA, 2016b, p. 6).

O ensino discursivo dos gêneros textuais categorizados na argumentação requer a elaboração metodológica capaz de rever as necessidades de aprendizagem dos sujeitos na produção de novos conhecimentos, porque ensinar a argumentação é, ao mesmo tempo, apresentar os propósitos interativos na comunicação entre o produtor e seus possíveis interlocutores, percebendo as aspirações do auditório que manifesta a consumação situacional comunicativa e efetivada na reflexão dos aspectos inerentes à linguagem. Criar contextos realizáveis das propostas de argumentação é possibilitar aos interlocutores as mesmas chances sustentáveis ou refutáveis de teses mediante o emprego dos argumentos capazes de inserir tanto o orador quanto o auditório no processo dialógico produtivo oral, reflexivo e textual.

Todo e qualquer processo argumentativo mantém relação persuasiva e convincente ligada à temática diretiva e de noção dialógica construída na interação do locutor com seus interlocutores. Argumentar, descrever e relatar faz parte da interação humana, na produção de conhecimentos que sinalizem os percursos comunicativos da linguagem, porque entre persuadir e convencer há outras finalidades possíveis no desenvolvimento reflexivo entre os agentes do discurso, já que a boa argumentação se pauta no respeito à capacidade cognitivo-argumentativa de quem produz a interação. Logo, o ato de resenhar se insere num processo dialógico produzido por outrem na garimpagem reflexiva das finalidades sintetizadoras da escrita na comunicação humana.

Trabalhar com o gênero resenha é ensinar a argumentar, resumir, descrever e avaliar outros discursos em sala de aula. É ultrapassar a superficialidade da temática para o plano global e particular do gênero, expandindo os conhecimentos num processo de intertextualidade, visto

que o ensino de resenha enfoca, ainda, a ampliação do repertório linguístico-cultural dos sujeitos. O ensino dos gêneros topicalizados na argumentação e na compreensão do contexto de produção do conhecimento se realiza mediante diagnóstico, pontuando o nível de compreensão do auditório e sua intimidade com as habilidades de leitura, de reflexão e de escrita.

Há com isso, a necessidade de esclarecer no contexto da formação os motivos necessários no enfoque do gênero resenha e seu ensino em sala de aula. Para isso, alguns questionamentos direcionam as estratégias de aprendizagem: o que resenhar? Por que resenhar? Como ensinar e desenvolver a arte de resenhar? Quais os propósitos de uso da resenha no desenvolvimento cognitivo? Qual o seu papel na escola no estudo das capacidades de linguagem? Que habilidades ensinar? Em qual contexto se emprega a resenha? Por quê?

Os questionamentos permitem ao professor readequar metodologias e repensar as estratégias na ampliação do processo de letramento em contextos sistematizados de ensino. As necessidades de conhecer como os gêneros textuais se realizam linguisticamente nas práticas sociais e como a adaptação semântico-léxico-gramatical se adequa ao uso da retórica, realça que na operacionalização dos textos topicalizados na cultura letrada e discursiva, há a necessidade de demonstrar que todo e qualquer gênero, quando escolarizado, faz-se mediante ensino, pesquisa, reflexão e reconhecimento dos argumentos de autoria.

A resenha é um gênero de bastante relevância no mundo acadêmico, utilizada não só como um instrumento para a triagem da bibliografia mais adequada para um estudo, mas também para que, por meio dela, alunos analisem pesquisas e publicações, compilem informações sobre certa área ou emitam juízos de valor sobre determinado aspecto em estudo. (VIAN JR.; IKEDA, 2009, p. 15)

O desenvolvimento de trabalho metodológico com o gênero resenha releva o papel da linguagem na organização analítica das ideias-chave do texto-base capaz de possibilitar aos estudantes a construção de sentidos e juízos de valor na preparação de argumentos. É fundamental que o propósito no ensino, no estudo, na reflexão e na publicação da resenha não tenha como ponto de chegada o professor na função de único interlocutor. Assim, no tópico, a seguir, as reflexões transitam entre intervenção, produção e análise da resenha em sala de aula.

4. Gênero textual resenha na sala de aula: intervenção, produção e análise

O estudo textual-discursivo do gênero resenha foi realizado com trinta estudantes de uma turma de 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal, sediada à cidade de Parauapebas, sudeste do Pará, dos quais eu era professor regente de língua portuguesa. Após a abordagem dos suportes, função, características e análises de algumas resenhas, a classe foi dividida em cinco grupos com a mesma quantidade de alunos e deveriam resenhar a partir das temáticas sorteadas para os referidos grupos.

No decorrer do quarto bimestre, as aulas de língua portuguesa iniciavam com a leitura de uma resenha e, aos poucos, foram sendo apresentadas as características do gênero, bem como dos propósitos argumentativos na elaboração das produções a partir de um texto-base. Os estudantes tiveram o prazo de um mês para a leitura e apreciação da obra, bem como da produção escrita de uma primeira versão do gênero, que a partir dos textos dos alunos foram sendo realizadas algumas intervenções e questionamentos aos integrantes de cada grupo com a finalidade de aprimoramento na construção das análises.

Nesta etapa, a identidade dos estudantes será preservada, porque o interessante é topicalizar as temáticas e os argumentos utilizados. Os cinco grupos foram formados por escolhas próprias e, após, a formação das equipes de estudo, realizou-se um sorteio dos trabalhos que seriam resenhados, assim, as propostas foram as seguintes elucidadas no quadro.

Figura 1: GRUPOS E TEMÁTICAS DAS OBRAS RESENHADAS

GRUPO	FINALIDADE	NOME DA OBRA	AUTOR
01	Resenhar filme	O Mágico de Oz	Frank Baum (literatura)
02	Resenhar documentário	Causas do Aquecimento Global	Difusão Cultural do Livro
03	Resenhar livro didático	Português: linguagens (6º ano)	Cereja & Magalhães
04	Resenhar CD de música	Canções reunidas <i>O Boticário</i>	O Boticário
05	Resenhar artigo científico	Deficiência visual e tecnologia	Ivan Vale de Sousa

Serão destacadas, para fins didáticos, apenas duas resenhas, de filme e do livro didático, o que não torna os demais trabalhos menos importantes. A escolha das duas produções se deu pela diferença das linguagens aplicadas: fílmica e literária. As resenhas serão transcritas de acordo com as peculiaridades características linguísticas dos estudantes, seguidas de análise.

Figura 2: RESENHA DE FILME

FLEMING, Victor et al (direção). *O Mágico de Oz*. Produzido pela Metro-Goldwyn-Mayer. 1939.

Na busca de si mesmos

O filme *Mágico de Oz* conta a história de Dorothy Gale, uma órfã que vivia numa fazenda do Kansas com seus tios e seu cachorro chamado Totó. Num dia, habitualmente, cinzento, um ciclone acaba por centralizar bem sobre a casa de Dorothy. Enquanto seus tios conseguem entrar no porão que servia como abrigo para essas tempestades, Dorothy e seu cachorro se atrasam e ficam para trás, sendo por muito tempo levado pelos ares até chegarem na terra de Oz.

Quando ela chega lá, Glinda, que é a bruxa do Norte, lhe explica que ela matou a bruxa malvada do Leste ao aterrissar com a sua casa em cima desta. É aí que Dorothy recebe os sapatinhos prateados mágicos dessa bruxa. Além disso, Glinda lhe dá um beijo na testa para que ela ficasse segura durante suas aventuras em direção à Cidade das Esmeraldas, que é onde o mágico de Oz vive. E ela precisa encontrar esse todo poderoso mágico para pedir que ele lhe ajude a voltar para Kansas.

A história, quase todo mundo já sabe, por antemão, mas para chegar à Cidade das Esmeraldas, Dorothy tem que seguir por uma estrada de tijolos amarelos na qual ela encontra outras três figuras incríveis: o Espantalho, o Lenhador de lata e o Leão covarde. E esses três personagens se juntam à Dorothy para também encontrar Oz e cada um pedir algo para ele: o Espantalho quer um cérebro para pensar como os homens, o Lenhador de lata, um coração para amar e o Leão covarde para ser o temido rei dos animais.

Dorothy acaba lembrando que seus tios em Kansas, o que logo ficaram preocupados com seu sumiço. Ela pede para voltar para casa até quando a bruxa boa acorda e vê que o Mágico de Oz era apenas uma farsa. Ao acordar, os tios de Dorothy contaram tudo o que houve e acaba dizendo que não quer mais viver longe de sua única família.

O que eles ensinam? Sobre esses três personagens existem muitas interpretações, inclusive é como o espelho da existência deles, que há grande moral indicada na história que nós somos mais do que imaginamos e de tudo que subestimamos. Eles passam a representar a inteligência, a bondade e a coragem. Além disso, indicam os três reinos da natureza: o animal, o vegetal e o animal.

Lançado em 18 de setembro 1939, no Brasil, *O Mágico de Oz (The Wizard of Oz)* é uma adaptação literária, de *Frank Baum* para o cinema e, a partir da adequação, a resenha se constrói como síntese na visão dos estudantes. O texto é organizado em cinco parágrafos, os quais mantêm relação com os subsequentes, embora haja a descrição das personagens do filme e seu contexto, relata também a função de cada elemento no longa-metragem, cumprindo a finalidade de situar os leitores no enredo e nos acontecimentos mostrados na narrativa fílmica. Nos dois primeiros parágrafos do gênero, o propósito descritivo é de apenas examinar cada personagem no entendimento do filme, o que não há, ainda, um processo de avaliação, comparação ou crítica da obra-base nos argumentos apresentados pelos alunos.

Somente no início do terceiro parágrafo em que os autores atribuem marcas de personalidade na elaboração da resenha, pressupondo que o interlocutor já conheça um pouco da

narrativa, valendo-se dos seguintes argumentos oracionais “a história, quase todo mundo já sabe, por antemão”, em seguida, há uma retomada da narração dos fatos, inserindo as personagens que ajudam Dorothy a encontrar a Cidade das Esmeraldas, destacando que eles também tinham um desejo que somente o mago de Oz pudesse lhes conceber. Além disso, os autores, aos poucos, vão resumindo os fatos ocorridos no filme e não se esquecendo da importância da família da menina, que mencionada na efetivação do texto.

No último parágrafo, há uma provocação aos interlocutores quando são interrogados da seguinte maneira: “e o que eles nos ensinam?”, possibilitam por meio do questionamento uma reflexão e atribuem, mais uma vez, as marcas de personalidade no texto quando afirmam “nós somos mais do que imaginamos e de tudo que subestimamos” e, por conseguinte, mencionam alguns significados às personagens do filme. Além disso, os argumentos utilizados na produção da resenha vão ao encontro das reflexões do conhecimento dos autores acerca dos fatos, estabelecendo conexões entre os parágrafos e comparações entre os elementos, pois ao confrontá-los são produzidos juízos de valor à obra resenhada. Ao comparar os aspectos do texto-base, avaliam o trabalho que é colocado para apreciação e, ao mesmo tempo, atribuem significados, demonstrando que há um processo de reflexão com base nos argumentos utilizados pelos sujeitos produtores, visto que a argumentar requer o conhecimento do contexto da narrativa fílmica.

Nesse sentido, resenhar uma obra é argumentar de maneira transparente, pois, ao mesmo tempo, em que opiniões são emitidas, também se avalia a capacidade de síntese na produção do gênero, categoricamente argumentativo e demonstra reflexos na ampliação do repertório linguístico-cultural do resenhista com a finalidade de divulgar aos interlocutores os argumentos hipotéticos de uma obra ou do texto-base. Além disso, a resenha pertence ao gênero secundário, uma vez que sua produção não é apreendida no contexto familiar e, sim, no ambiente escolar que tem a função de possibilitar a sistematização no trabalho elaborado com a linguagem.

O tipo de discurso utilizado na resenha em pauta é o indireto livre, com o emprego de verbos no pretérito, presente do modo indicativo e alguns flexionados no gerúndio. Assim, desenvolver um trabalho com a produção de resenha crítica no ambiente escolar e, sobretudo, na sala de aula é possibilitar que estudantes desenvolvam as habilidades de sintetizar, descrever e argumentar acerca dos acontecimentos perceptíveis na obra, sinalizando a revelação de argumentos eficazes e convincentes aos interlocutores, sendo, portanto, um convite para o

conhecimento do objeto resenhado, porque a função da resenha se articula na apresentação cuidadosa da linguagem empregada e desencadeia reflexões que sintetizem a obra.

O ensino reflexivo e produtivo de resenha em sala de aula e da apreciação da narrativa fílmica possibilita aos sujeitos compreenderem os recursos destacados no filme. O trabalho sob a ótica fílmica didatizado permite aos sujeitos se apoderarem e desenvolverem habilidades de ouvir, apreciar e correlacionar os acontecimentos da narrativa midiática com a ampliação do repertório cultural sistematizado e construído na escola, revelando a instrumentalização necessária oferecida pelo professor aos estudantes.

Assim, as reflexões seguintes são destinadas ao conhecimento e à análise da produção da resenha literária, livro didático, enfocando os argumentos utilizados no destaque descritivo, sintetizador e avaliativo do gênero.

Figura 3: RESENHA DE LIVRO DIDÁTICO

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**. 6º ano. 7º ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2012.

Livro e expectativas

A obra estudada é um livro didático, destinado, exclusivamente, aos alunos do Ensino Fundamental, realizando a abordagem geral do material didático, de língua portuguesa, utilizado pelos estudantes na etapa fundamental na escola do estágio de observação, cujo objetivo é avaliar a seleção do material implantado na instituição.

Além disso, devem-se analisar os textos, metodologias, a julgar se o livro satisfaz adequadamente o ensino da língua portuguesa.

Os autores propõem ajudar os alunos num resgate à cultura em língua portuguesa, nos seus aspectos artísticos, históricos e sociais. Depois de citar vários exemplos do livro, os autores utilizam uma frase que revela seu real posicionamento de como a televisão pode prejudicar as pessoas, essa frase é: “só não acredita que a televisão seja máquina de amassar doido”. Também acho que a televisão paralisa a criança numa cadeira mais do que o desejável.

Mas as pessoas têm que perdoar a TV pela sua ajuda aos doentes, aos velhos, aos solitários – a televisão é incompatível com o livro.

O livro é muito bom, interessante porque faz com que os leitores se aprofundem mais nas histórias que nele se encontra. Nele existem várias fontes de pesquisa, existem vários *sites* para pesquisar, como exemplos, www.grandez.com.br/litinf, e www.ziraldo.com/menino/home/htm, e outros que neles podemos encontrar.

O livro atende as expectativas dos estudantes, pois o livro atrai muitos estudantes jovens, crianças, adolescentes e até os mais velhos que gostam de coisas novas.

A resenha *livro e expectativas* se organiza em seis parágrafos e cumpre o objetivo de sintetizar o livro didático (LD) usado pelos estudantes da série anterior ao 9º ano do Ensino Fundamental. O porquê da escolha do próprio material didático se deu pelo fato de atribuir

significado ao manual didático e que por meio de argumentos sintetizassem as propostas de aprendizagens destacadas no LD da coletânea utilizada na Rede Municipal de Ensino de Parauapebas, *Português: linguagens*, de Cereja e Magalhães, referente ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), correspondente ao triênio de 2014 a 2016.

A resenha inicia apresentando a obra, a finalidade e a modalidade de ensino da Educação Básica, avaliando, já no segundo parágrafo que o livro didático contempla as necessidades estudantis, destacando que “devem-se analisar os textos, metodologias, a julgar se o livro **satisfaz adequadamente o ensino da língua portuguesa**” (grifos nossos). Diferentemente da resenha de filme, não há apenas a preocupação descritiva do manual didático e, sim, a atribuição de juízos de valor no julgamento e na avaliação positiva na escolha do LD.

Entre os argumentos utilizados na resenha, encontramos os de autoridade quando se afirma que “**os autores** propõem ajudar os alunos num resgate à cultura em língua portuguesa, nos seus aspectos artísticos, históricos e sociais” (grifos nossos), retomando a identidade de Cereja e Magalhães. O argumento utilizado categoriza a resenha na argumentação, julgando a obra e produzindo uma consistência dialógica com o interlocutor.

O desenvolvimento textual se mantém, sucintamente, atendo-se na descrição e na avaliação do material didático, bem como na linguagem empregada, que sinaliza um processo de reflexão na elaboração sintética do texto. Assim, trabalhar os gêneros textuais no contexto da Educação Básica é instrumentalizar os estudantes na possibilidade de ensinar outras formas de dizer, demonstrar os argumentos mediante a elaboração das etapas e do produto final. A elaboração da resenha finaliza afirmando que o material é interessante e atende às expectativas de aprendizagem dos aprendizes, além disso, contribui na ampliação do campo semântico, linguístico e do repertório cultural dos sujeitos.

A resenha se vale do discurso indireto livre, no qual é mantido um distanciamento na produção escrita, não são utilizadas expressões denotativas de proximidade e pessoalidade com o texto, como, *nós achamos, nós avaliamos, nós indicamos*, etc., o que não descaracteriza o texto descritivo-argumentativo, visto que a argumentação é empregada nas mais “variadas finalidades, já que argumentar é a capacidade que permite ao sujeito desenvolver habilidades referentes à linguagem, pois, há com isso uma interação entre os elementos discursivos e, mais precisamente, entre a língua” (SOUSA, 2016b, p. 9).

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

O processo dialógico instaurado na resenha simboliza uma das formas de seus autores perceberem as mudanças que estão a todo instante se apresentando, pois, apesar das intervenções de sala de aula no destaque produtivo dos argumentos, houve omissão do uso da sinonímia com o propósito de evitar repetições de vocábulos na produção textual, o que não descaracteriza o texto. Há, pois, uma compreensão das palavras e das expressões, simultaneamente, na relevância atributiva e enfática dos argumentos articulados, sobretudo com verbos temporais no presente.

Nesse sentido, instrumentalizar os sujeitos é necessário, para que topicalizem e produzam os gêneros textuais categorizados na finalidade argumentativa. Não basta apenas solicitar que escrevam, reescrevam, sintetizem, julguem, critiquem, reflitam, avaliem ou retextualizem mediante a intertextualidade dos argumentos; é preciso ensinar a sustentarem ou a refutar o debate a partir do contexto de produção, colocando-os como agentes de destaque na reflexão da consistência dos argumentos na língua.

Inserir a compreensão e, por conseguinte, a produção do gênero resenha no âmbito da sala de aula depende, em parte, dos conhecimentos pretendidos que os sujeitos adquiram, é preciso, ainda, que os propósitos criteriosos na elaboração de resenhas na Educação Básica lhes possibilitem a ocupar lugar de destaque na valorização de autoria e coautoria do texto, assim como ensiná-los a atribuírem os créditos às fontes resenhadas. De modo igual, resenhar é permitir que as habilidades de leitura, de escrita, de debate e de reflexão mantenham os discursos produzidos pelos estudantes como retomada dos aspectos inerentes ao processo de ensino-aprendizagem das finalidades metodológicas com a linguagem.

Trabalhar com resenha no contexto da sala de aula é reorganizar os conhecimentos mediados na escola, é ensinar aos envolvidos no fazer pedagógico a utilizarem corretamente os verbos modalizadores, saber que as palavras se adequam às situações e quando se trata de textos literários, especificamente, verbais, nos quais há a presença de personagens, faz-se necessário o emprego dos verbos *dicendi*, que são recursos empregados para sugerir as falas utilizadas no discurso direto (falar, dizer, interrogar, responder, exclamar, etc.), pois, mais do que falar é necessário demonstrar com se faz. É fundamental também emitir destaque para a noção apresentada pelos gêneros textuais/discursivos, que cada modalidade textual apresenta uma estrutura composicional, de sentido e de relação com os suportes. A intervenção mediante o trabalho com os gêneros compreende que a “contextualização das aprendizagens não se traduz

com a oferta de um emaranhado de textos, mas de correlacionar ao ensino as adequações comunicativas e articulá-las também à necessidade do ensino gramatical que os leve, principalmente, à reflexão” (SOUSA, 2016a, p. 10).

A lista de controle do gênero é constituída de questões que indiquem aos sujeitos averiguarem com exatidão a escrita, adequando-a ao gênero vigente. Sugiro a seguinte lista de verificação das ideias-chave na produção do gênero.

Figura 4: LISTA DE CONSTATAÇÃO/CONTROLE DO GÊNERO RESENHA

QUESTIONAMENTOS	SIM	NÃO	EM PARTE
1. O texto apresenta a bibliografia da obra resenhada?			
2. Seu texto apresenta um título?			
3. O título é criativo e está de acordo com a temática?			
4. O texto apresenta uma estética como produto final?			
5. O texto faz uma descrição do texto-base-obra?			
6. O texto faz comparações? Julga? Avalia?			
7. Há destaque da temática principal do texto-base?			
8. Você utiliza sinônimos para evitar repetição?			
9. Há a definição do posicionamento do autor do texto?			
10. Suas avaliações e críticas são equilibradas, éticas?			
11. Há uma adequação do seu texto aos interlocutores?			
12. Seu repertório representa conhecimento do texto-base?			
13. As palavras estão grafadas corretamente?			
14. Seu texto apresenta coesão e coerência (forma e sentido)?			
15. Seu texto apresenta adjetivos que enriquecem o texto?			

O propósito da lista de controle não é oferecer mais trabalho para os estudantes, mas, permitir-lhes refletirem na ação discursiva dos excessos ou não no texto. Dessa forma, a realização de quaisquer gêneros textuais exige pesquisa, leitura, reflexão e ampliação do conhecimento com fins articuláveis na consistência prevalente dos argumentos na topicalização do saber.

5. Considerações finais

O desenvolvimento metodológico no ensino de gêneros textuais no contexto escolar implica partir dos propósitos que atribuem ao ensino a interação entre os sujeitos, seus contextos e suas aptidões linguísticas, porque trabalhar com os gêneros no contexto escolar pressupõe instrumentalizar os sujeitos para se envolver nas situações de letramentos e de usos da linguagem, por isso que a abordagem na perspectiva dos gêneros textuais deva ir além do simples oferecimento de textos, mas de seus propósitos produtivos e reflexivos. Dessa forma, a produção de resenhas implica no processo dialógico de construção de novos saberes, bem como oportunizar aos envolvidos as mesmas chances de indagação e mecanismos de aprendizagem, instrumentalizando, sobremaneira os sujeitos.

6. Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAWARSHI, Anis S.; REIFF, Mary Jo. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. Trad. Benedito Gomes Bezerra et al. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Rachel Anna; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. Cap. 1, p. 19-38.
- MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- SOUSA, Ivan Vale de. Os gêneros textuais orais e escritos na Educação de Jovens e Adultos. In: **RIBANCEIRA – Revista do Curso de Letras da UEPA**. Belém – PA, vol. VI, n. 1, p. 4-20, jan./jun., 2016. Disponível em: <<http://www.paginas.uepa.br/seer/index.php/ribanceira/article/download/882/601>>. Acesso em 10 dez. 2016.

AFLUENTE

Revista Eletrônica de Letras e Linguística

_____. Argumentação na Educação de Jovens e Adultos. In: **IV SIAD – Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso: discursos e desigualdades sociais**. 14 a 17 de setembro de 2016b, p. 1-16. Belo Horizonte - MG: Universidade Federal de Minas Gerais, 2016. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/0bea23_b3c97437832a40c884c427fb2f1f14f3.pdf> Acesso 10 dez. 2016.

VIAN JR., Orlando; IKEDA, Sumiko Nishitani. O ensino do gênero resenha pela abordagem sistêmico-funcional na formação de professores. In: **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 12, n. 1, p. 13-32, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/.../O_ensino_resenha.pdf> Acesso em 10 dez. 2016.

Recebido em: 05/07/2017

Aprovado em: 03/08/2017